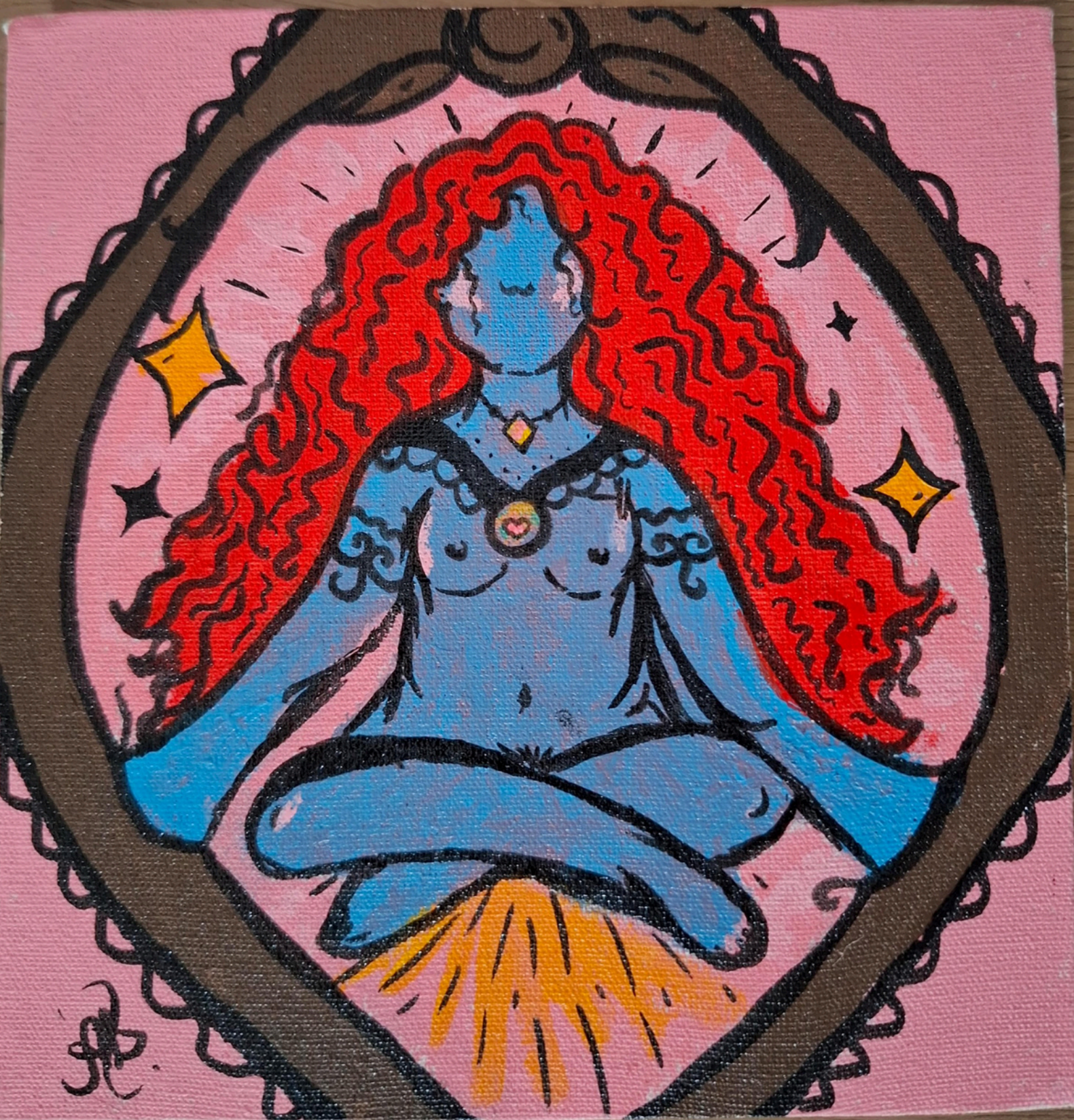




A mulher no centro do universo. Por Ana Lilyan Santos, 2025

editorial

por **Carlos Alexandre Rodrigues Pereira**

Estamos no terceiro ano de publicação desta revista, o que pra nós é motivo de grande alegria, pois significa a longevidade e permanência de vínculos que ligam tantas pessoas, de diferentes identidades, territórios, experiências e conhecimentos, a tantas outras que, assim como você agora, interagem conosco por meio desses registros. Tratamos tudo que já foi, o que está sendo e o que será publicado com muito respeito e cuidado, pois são, pra nós, marcas impressas no tempo pelo esforço e criatividade coletivas dedicadas a um trabalho voltado a produção de bem viver. É um trabalho que segue o simbolismo da gestação: leva tempo, demanda responsabilidade, requer afeto, zelo, atenção, não só ao que estamos gerando, mas também às pessoas, vidas e sentidos que dão forma e fôlego ao que nasce. É um trabalho que acontece, muitas vezes, no silêncio, mas sempre na profundidade.

Profundidade de águas turbulentas das quais as ideias, artes, mensagens, textos emergem e ganham forma e vida. No simbolismo das águas primordiais, turvas, profundas, inquietas, mas, ao mesmo tempo, silenciosas, eternas: o nada que tudo contém em potencial, um estado de vir a ser permanente. Para alguns povos, o mundo, o sol, as divindades nasceram dessas águas primordiais, o próprio caos. Poderíamos dizer que tudo que nasce e ganha sentido parte desse mesmo início, dessas mesmas águas primordiais.

Isso pode parecer estranho a você, que nos lê, mas é exatamente essa a sensação que temos quando a gente decide começar mais um número. A decisão traz consigo uma série de condições e interditos. A densidade do ar muda. Os músculos se comportam diferentes. O sono muda. O corpo se comporta diferente. As ideias parecem que navegam em mar turbulento que, de tão agitado, as faz afundar. As coisas parecem inacessíveis. Mas, na verdade, elas ficam inacessíveis à pressa. Um corpo ansioso que se lança nesse propósito sofre bastante, pois as coisas não fluem, não ganham forma, não dão liga no ritmo da urgência.

É difícil, quando se tem prazos, vontades, pressões e multidemandas, se dispor a viver o processo de gestar, respeitando o tempo das coisas. Uma pessoa, pra nascer, demora cerca de nove meses. Um bolo tem tempo de preparo. Uma planta, pra dar fruto, precisa de condições de cumprir seu ciclo. No fim, é tudo sobre o tempo.

Um tempo atrás, ouvi de uma amiga algo que me marcou muito. Ela me disse: “estou me esforçando pra me tornar uma mulher lenta”. Entendo o desejo de ser uma pessoa mais lenta como o desejo de se tornar uma pessoa mais atenta a duração, aos processos; uma pessoa que gesta sem pressa, que não vive no ritmo da urgência, mesmo que isso a coloque na contramão do intenso fluxo da vida na cidade capitalista, onde tudo parece “pra ontem”.

Cada número tem seu processo, e esse foi especialmente intenso. Muita coisa aconteceu ao mesmo tempo, sobrepondo demandas que pareciam urgências. Lá vai a gente de novo acelerando o ritmo das coisas. De tão acelerado, o corpo acusou: perdemos o ritmo. Paramos e recomeçamos muitas vezes, pra cuidar do corpo, inclusive. Parecia que não ia rolar, “que estava tudo atrasado”. Mas, assim como diz a canção de Majur: “Há tempo para todas as coisas.... Viva o tempo das coisas”, foi preciso entender o pulsar do tempo das coisas. Quando entendemos o ritmo do ciclo das coisas e como se movimentam essas águas primordiais, a gente começou a acessar aquilo que parecia escondido, impossível. E as coisas foram acontecendo, ganhando forma, até que ficou pronto. Agora, é hora de nascer. Quebrar a casca do ovo e ganhar o mundo. Agora, nascido, os órgãos voltam pro lugar de antes, a respiração volta ao normal. Os ombros relaxam. Não que houvesse neles um peso, não nesse sentido, mas não demanda mais o mesmo esforço de antes.

É importante falar disso, do quanto de nós as nossas criações demandam. É um pouco da gente que sai da gente e ganha outra forma, outro sentido. Realmente, não existe escrita neutra, produção neutra, isenta de sentido e pessoalidade, pois, no simbolismo daquilo que era eu e que sai de mim pra se tornar outro pela gestação, tudo o que a gente cria leva um pouco da gente, é um pouco da gente. E aqui tem muito de nós, que dividimos com você, agora.

Ficamos felizes por isso. Pois realizamos esse trabalho na esperança, no desejo, no vislumbre de que possa contribuir aos seus processos de construção de corpo, identidade, pertencimento. De construção da sua ética e da sua consciência racializada, seja qual for a cor da sua pele. Contribuir com os seus processos, assim como esse exercício contribuiu com os nossos. Pois, mesmo os pulmões voltando a respirar como antes, nosso corpo já não é mais o mesmo, nossa consciência já não é mais a mesma. A gente mudou, a gente renasceu. Morreu e renasceu muitas vezes antes de chegar aqui. E que bom que isso foi possível, pois a realidade da vida é a variação, assim nos diz Martina Deivison. Então, temos esperança que esses registros tenham importância pra você, nos seus processos.

Não é a toa que escolhemos pra capa deste número a colagem do nosso querido Rodrigo: “Esperança”. Esperança na gente, naquilo que o tempo pode trazer de bom pra nossa vida. É uma expectativa e, mesmo se ganhar aspecto de fantasia, ainda terá o mesmo propósito: de que serve a fantasia se não pra criar mundos, vislumbrar possibilidades de mundo, possibilidades de vida? A fantasia nos faz ter confiança na vida, nos faz sentir que vale a pena insistir nessa caminhada. Temos nos deparado com tantos acontecimentos que têm nos entristecido, que têm mesmo balançado nossa confiança, nossa esperança, nossa vontade. Então, é momento de voltar pra dentro. Pra dentro de si. Pra dentro do útero. Pra dentro da grande mãe. Pro colo da mãe. E como tenho desejado o colo da minha...

Como são as coincidências da vida, né... Nos três cursos que estou dando esse semestre, estamos, nessa semana, falando sobre o tempo. Falamos, inclusive, que a aceleração imposta pelo capital dificulta que a gente transforme as vivências do dia a dia em experiências, pois não temos um tempo de espera, de vazio, onde poderíamos elaborar os fatos e acontecimentos atribuindo significado a eles. Essa falta de condições de produzir experiências e compartilhá-las estaria ligada ao sentimento de tristeza, de vida vazia, sentimento de, mesmo fazendo muita coisa, não estar vivendo nada de significativo, como se estivéssemos vivendo “no modo automático”. Seria necessário, portanto, rever nossa relação com o tempo e prezar ao máximo pela manutenção de momentos de vazio, de contemplação e reflexão. Momentos de ócio. Falei de voltar pra dentro e do colo de mãe porque acredito que o útero foi o primeiro experimento físico de processo e de duração: a primeira experimentação de tempo. Acho que esse exercício de voltar me sincroniza com o pulsar da minha origem.

Talvez pela pressa, ansiedade, multitarefas e cansaço que experimentei esses últimos meses, desde que publicamos nosso último número, eu me vi, muitas vezes, entristecido, nesse sentimento de vazio da existência, num estado deprimido de ânimo. A gente começa a questionar tanta coisa, inclusive os esforços e as lutas. Vale a pena mesmo? Gritos de socorro: as visitantes de Fayola estavam a minha porta pedindo passagem. Na verdade, elas já estavam comigo. Nesses momentos, foi bom voltar pra dentro. Lá, (re)encontrei esperança, lá encontrei os presentes dos três reis e também outros, de rainhas.

No meu caso, só foi possível voltar pra dentro quando voltei à cidade que nasci e pisei de novo naquele território. Foi quando fui ver minha mãe. Só foi possível voltar pra dentro quando voltei a minha mãe. O povo Yorubá realmente tem razão ao defender que a presença de Iyá é necessária pra boa vida, boa sorte, boa saúde; pra vida ser plena. Que bom que não precisa necessariamente ser a nossa genitora, isso facilita quando estamos longe, ou não estamos mais. Eu precisei voltar ao útero. E tenho precisado com muito mais frequência. Talvez, porque a aceleração imposta pelo capital esteja sob arroxio e me pressionando mais. Ou, talvez, porque eu esteja com mais pressa, mesmo tendo me inspirado, pela minha amiga, a me tornar, também, uma pessoa mais lenta.

Me tornar uma pessoa mais lenta... grande mudança! Mas não existe mudança sem desconforto. E tem mudanças difíceis, que demandam decisões muitas vezes amargas. Mas, nem todo amargor é coisa ruim. Jurubeba amarga, mas traz saúde.

Esperança, confiança, útero, começo. Neste segundo número de 2025, buscamos destacar a importância do começo que, como bem lembra a professora e pesquisadora Kaká Portilho, “no início, era o útero”. Dessa forma, abrimos este número com obras que evocam o início, a reprodução, o gestar, a maternagem e o trabalho de cuidado com a vida. Falamos, também, da maternidade racializada e territorializada na luta pelo bem viver nos territórios. Compõem, ainda, este número, obras que falam das cosmopercepções e encantamentos que se traduzem em ritos, como o Toré, e festas, como o Festival de Parintins. Falamos de letramento e compartilhamento de conhecimentos entre indígenas, falamos do sentido de comunidade e da sua finalidade, falamos da memória Goytaká, falamos do sagrado tradicional e originário,

evocando divindades, a encantaria, o rito. A arara preta, Araruna, no voo da noite, mostra que ainda vive.

Falamos da música preta brasileira, quando conversamos com Reginaldo Bessa. Cantamos, também, o Toré, na voz de Helson Potiguara. Ouvimos o tambor de Anna Érika. Vislumbramos o futuro: há esperança nas encruzilhadas de um futuro eu. Eu que não é só carne minha, eu que também é mundo: pra navegar os caminhos da alma, navegamos os rios das florestas. Navegamos em águas profundas. Nas paragens, encontramos aconchego, encontramos Tia Ditinha Maria da Silva.

Acho que tudo isso serve pra lembrar a gente que a vida é uma travessia. A gente pode fazer ela sozinha, mas já nos ensinava o povo de Kemet: se tem espaço na tua barca, leve consigo outras pessoas. Reciprocidade e empatia; pra vencer o estresse, precisamos de uma comunidade inteira. Que bom ter encontrado você neste momento da travessia. Sigamos juntos nesses caminhos.



Nascer do Sol
(Pictograma do alfabeto da língua Ndébélé que significa nascer do sol)
por Carlos Pereira, 2025

"NENHUMA POSSÍVEL IYÁ
PODE DAR À LUZ SEM
O APOIO DO SEU PRÓPRIO
ORÍ"

-OYÈRÓNKÉ
OYÈWÚMÍ

KI
ÒRÌSÀ
YÁ

ONÀ
RÉ
KONÍ



IKÚNLÈ
ABIYAMÓ